

POSICIONAMENTOS EDITORIAIS E SEUS REFLEXOS NAS REPORTAGENS SOBRE O IMPEACHMENT DE DILMA ROUSSEFF NOS JORNAIS FOLHA DE S. PAULO E THE NEW YORK TIMES

Luis Tarosso Ottoni (IC), Hugo de Almeida Harris (Orientador)

Apoio: PIVIC

RESUMO

A partir do conceito de *framing* e enquadramento jornalístico, este artigo tem como objetivo analisar as diferenças no processo de cobertura do impeachment de Dilma Rousseff pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *New York Times*, apontando como as diferenças expostas nos editoriais de ambos podem influenciar no resultado de suas coberturas. A escolha dos textos se deu pela importância das datas relacionadas ao processo de impedimento: um dia anterior e um posterior à cobertura do impeachment. A análise foi realizada pela construção semântica, escolha de palavras, fontes primárias e secundárias. Foram explorados, também, a construção do conceito da objetividade como qualidade jornalística e como essa ideia vem moldando a prática do jornalismo ocidental há décadas. Baseado em apontamentos teóricos, foram analisadas evidências de que os editoriais dos jornais tiveram influências expressas nos textos de suas reportagens.

Palavras-chave: *Framing*; Impeachment; Dilma Rousseff.

ABSTRACT

Based on the concept of journalistic framing, this paper aims at assessing the differences in the process of coverage of Dilma Rousseff's impeachment by *Folha de Sao Paulo* and *The New York Times* newspapers, pointing out how the exposed differences in these medias editorials may influence on their coverage results. The choice of the features was justified by the importance of the dates regarding the impeachment process: one day preceding and following the impeachment coverage. The analysis was carried out through the semantic construction, word choices, primary and secondary sources. It was also explored the concept of western journalistic objectivity and how this idea has been modeling the practice of journalism in decades. Based on theoretical research, there are evidences that both editorial positioning influenced the stories.

Keywords: *Framing*; Impeachment; Dilma Rousseff.

1. INTRODUÇÃO

Este artigo tem como proposta analisar as diferenças das coberturas do processo de impeachment de Dilma Rousseff pelos jornais *Folha de S. Paulo* e *New York Times (NYT)* seguindo os conceitos de *Framing*, de Ervin Goffman, e do enquadramento jornalístico. Pretende-se avaliar como os posicionamentos editoriais de ambos os jornais influenciaram seus processos finais de cobertura, tendo em vista a importância que a mídia exerce cada vez mais no processo democrático do país.

A cobertura da *Folha de S. Paulo*, o terceiro jornal de maior circulação do país em 2016, segundo a Associação Nacional de Jornais (ANJ)¹, foi uma das mais expressivas e criticadas (CIOCCARI, 2016, p. 169). No senso comum, circulava a ideia de que a mídia internacional fazia uma cobertura mais adequada no âmbito da imparcialidade jornalística enquanto a mídia local exacerbava ideologias em seus textos.

Um dos jornais mais importantes do mundo e o mais lido nos Estados Unidos, segundo a *Alliance for Audited Media*², o *New York Times* cobriu e se posicionou editorialmente sobre os eventos ocorridos no país.

Como será abordado neste artigo, ao compará-las, pode-se notar influências dos posicionamentos editoriais na cobertura de ambos os jornais. Com o estudo de teóricos do enquadramento, essas diferenças se tornam ainda mais notáveis. De acordo com Entman (1993, p. 52, apud ROSSETTO; SILVA, 2016, p. 99), “enquadrar é selecionar alguns aspectos de uma realidade percebida e fazer eles mais salientes no texto comunicativo de modo a promover uma definição particular de um problema”. A partir disso, é construída uma realidade, repassada aos leitores que, quando acríticos, nela acreditam e adotam como verdade, como explica Martins (2016). Para entender a importância que a cobertura do impeachment por duas mídias tão relevantes podem ter na democracia de um país, deve-se entender a ligação do enquadramento com a política.

Segundo Bourdieu (1986, apud CAMPOS; CARDOSO, 2017, p.3), a política como uma forma de capital simbólico precisa da popularidade para atingir sua dominância. A mídia detém o intermédio entre os políticos e o público, fazendo com que um dependa do outro. Como explica Miguel (2003, apud CAMPOS; CARDOSO, 2017, p.3), é notável a tentativa midiática em se dissociar dessa relação, adotando o discurso da objetividade e da imparcialidade como

¹ Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 5 de jul. 2017. ²

Disponível em:

<<http://www.whitestarmediainc.com/wp-content/uploads/2016/05/AAM-Statement.pdf>> Acesso em: 8 jul. 2017.

sinônimo de qualidade. Ao longo dos nove meses de cobertura do impeachment, essa tentativa pôde ser posta à prova.

A hipótese da adoção por parte da mídia de um discurso imparcial servirá de base para este artigo, no qual faremos um recorte dos posicionamentos e das coberturas da *Folha* e do *NYT*. Utilizaremos os posicionamentos editoriais do dia 13/5/2016, um dia após a aprovação da abertura do processo e do afastamento de Dilma pelo Senado Federal, e uma matéria de cada jornal das coberturas do dia 1/9/2016, data em que a ex-presidente perde oficialmente seu mandato. Utilizaremos autores que explicam o conceito de *Framing* e de enquadramento para análise do conteúdo apresentado, assim como exploraremos a importância da objetividade no jornalismo contemporâneo.

2. DESENVOLVIMENTO DO ARGUMENTO

2.1 O CONCEITO DE *FRAMING*

Segundo Leal (2006, p. 3), o conceito de *framing*² é originário da obra *Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience* do sociólogo norte-americano Erving Goffman. Para Park (2003), esse conceito explica o poder que as mídias possuem ao selecionarem as informações que serão divulgadas ao público. Essa informação selecionada é como uma espécie de moldura de uma janela pela qual a opinião pública entra em contato com uma parcela da realidade. Os jornalistas, nesse caso, são responsáveis por sua construção.

As pessoas apenas enxergam o mundo através de uma moldura de uma janela. Se a moldura da janela é muito pequena, as pessoas já enxergarão uma pequena parte do mundo. [...] Em outras palavras, a mídia pode mostrar apenas uma pequena parte do mundo a partir de um particular ponto de vista. (PARK, 2003, p. 145)

Para desvendar o que acontece do outro lado dessa 'janela' da informação, deve-se considerar o processo de manipulação das notícias antes de elas serem publicadas ao grande público. Utilizando-se de uma perspectiva intitulada "análise crítica do discurso", De Vreese (2005, apud ANTUNES, 2009, p. 83) explica como o processo de *framing* se dá em dois estágios.

O primeiro, intitulado *frame-building*, considera a influência dos fatores internos de uma organização, "em particular as concepções e entendimentos com as quais operam a comunidade profissional e as organizações produtivas, e aos fatores externos, que dizem

² Como será explicado a seguir, "Framing" remete à "moldura" ou recorte de uma realidade, em tradução livre.

respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com agentes sociais” (ANTUNES, 2009, p. 88). Essas características estarão presentes no texto da notícia e têm o poder, portanto, de influenciar na interpretação do interlocutor sobre os fatos.

Já a segunda etapa, o *frame-setting*, “trata-se da relação entre essa moldura engrenada no campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pelos agentes sociais” (Ibidem). Segundo o autor, o receptor interpreta uma notícia que já recebeu um *frame*, ou seja, já foi enquadrada, tendo a impressão de que a está interpretando.

Segundo Kitzinger (2000, apud ANTUNES, 2009, p.93), características e perspectivas de abordagens presentes em um relato jornalísticos, intitulados “moldes midiáticos”, dão origem, juntos, ao *framing* de uma notícia. Os elementos que compõe esse molde advêm de analogias que oferecem uma compreensão particular das notícias e podem estar expressos no texto, por exemplo, com a repetição de palavras e no posicionamento dos parágrafos expostos em um texto noticioso (ANTUNES, 2009, p.87).

Como explica McCombs (2009, apud ROSSETTO; SILVA, 2012, p. 105), “entendese, então, que os meios de comunicação dizem à audiência não só sobre o que pensar, mas também sobre como pensar sobre os objetos”. Portanto, evidencia-se a importância de entender os efeitos do enquadramento nos rumos políticos de uma democracia, mesmo que essa influência venha sendo negada pelos veículos desde a introdução da objetividade como modelo de jornalismo ocidental.

2.2 O CONCEITO DE OBJETIVIDADE

De acordo com Traquina (2004, p. 135), o conceito da objetividade jornalística passou a ser praticado no século XX, mas teve origem no século XIX, quando a primazia da informação passou a ser dada aos fatos e não às opiniões. Essa metodologia empregada na imprensa carregava a ideia de que, quanto mais neutro, maior era o público que receberia aquela informação, assim no jornalista era imposto um conceito de justiceiro, que deveria replicar os fatos o mais próximo possível de sua realidade.

Esse intuito de reproduzir a verdade remonta da influência dos ideais positivistas de Auguste Comte no jornalismo do século XIX. Já em 1855, porém, a objetividade era questionada por críticos da época. Traquina (2004, p. 64) cita Alphonse Karr, que faz uma reprodução de O'Boyle: "Há apenas duas espécies de jornais: os que aprovam o governo, faça ele o que fizer, e os que condenam e atacam, faça ele o que quiser". O contexto desse

questionamento se dá na França em uma época em que jornais já tinham dificuldade para se auto-sustentarem.

Ainda segundo Schudson (1978, p. 37), essa considerada “revolta” contra a subjetividade nas notícias advém da época dos chamados "*penny papers*", jornais sensacionalistas com foco na venda: “a partir daí, passa-se a ter uma definição de que a imprensa objetiva é superior à não objetiva”.

Une-se a isso surgimento das agências de notícias que, de acordo com Schudson (1978, p. 15), tinham o intuito de homogeneizar as notícias, de forma que os conteúdos fossem moldados para serem vendidos. Em Nova York, nos EUA, a *Associated Press* nasce em 1846, seguida da fundação da *Reuters*, no Reino Unido, em 1851.

Com o nascimento das agências de notícias norte-americanas, a objetividade e a imparcialidade passaram a ser valores associados à qualidade de conteúdo, promovendo uma revolução no jornalismo ocidental. “A crença na objetividade é uma confiança nos ‘fatos’, uma desconfiança nos ‘valores’, e um compromisso com a segregação de ambos” (SCHUDSON, 1978, p. 16).

Como explica Moreira (2006, p. 85), a *Folha de S. Paulo* passou por diversas mudanças editoriais desde que foi fundada, em 1921. Em 1931, segundo Ribeiro (1994, p. 85), o jornal adota “neutralidade e apartidarismo” como políticas editoriais. Em 1964, porém, apoia a ditadura militar, segundo Ribeiro (1994, p. 63). Atualmente, posiciona-se a favor do liberalismo econômico e social³.

O *New York Times* também passou por diversas mudanças editoriais desde que foi criado sob o nome de *New York Herald*, em 1851. A princípio, de acordo com Talese (2009, p. 5), o jornal se dizia apartidário, mas, aos poucos, passou a apoiar abertamente candidatos nas eleições do país.

2.3 METODOLOGIA DE ANÁLISE DOS EDITORIAIS E DAS REPORTAGENS

Como mencionado na introdução, o objeto de análise deste trabalho serão os posicionamentos editoriais sobre o tema do dia 13/5/2016, um dia após a aprovação da abertura do processo e do afastamento de Dilma pelo Senado Federal, e uma matéria de cada jornal das coberturas do dia 1/9/2016, data em que a ex-presidente perde oficialmente seu

³ Posicionamento da própria Folha de S.Paulo. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1414326-oque-a-folha-pensa-veja-os-principais-pontos-de-vista-defendidos-pelo-jornal.shtml>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

mandato. Para análise dos editoriais, foram observadas a contextualização dos fatos expostos, a sobreposição dos personagens da narrativa e a utilização de palavras. Já para análise das reportagens, foram analisados os reflexos que tais itens expostos nos editoriais tiveram na narrativa dos eventos.

2.4 ANÁLISE DO EDITORIAL DA FOLHA DE S. PAULO

O editorial intitulado “A Direção de Temer⁴”, no dia seguinte ao do julgamento de Dilma, começa apontando “erros” na composição do ministério do novo governo Temer. Primeiro, a Folha enaltece o fato de que as situações de composição do governo interino são “atípicas”, o que aparenta uma minimização de seus erros.

Além disso, descreve o cenário de governança de Temer como “pequeno”, dando a entender que o presidente não tinha espaço suficiente para governar da maneira como poderia. “Dadas as circunstâncias *atípicas*, o presidente interino Michel Temer (PMDB) dispunha de *espaço pequeno* para escapar às platitudes durante seu primeiro discurso após o afastamento provisório de Dilma Rousseff (PT) (FOLHA DE S. PAULO, 13 de mai. 2016). (grifo nosso).

Após o que aparenta ser uma tentativa de minimizar a falha de Temer na escolha da composição, o jornal explica que o novo governo terá não só o dever de mudar os rumos do país, até então sob poder do Partido dos Trabalhadores (PT), mas também de ser um zelador da Operação Lava Jato, buscando protegê-la de forma a representar os interesses dos brasileiros.

Procurando ir além do óbvio, mas ainda assim sem oferecer novidades, Temer *fez de tudo para se distinguir de Dilma*. Da fala concatenada ao tom moderado, dos recados a empresários aos sinais a investidores, das mesuras aos parlamentares à insistência no legalismo, *em tudo o interino se distanciava daquela a quem substitui*. (FOLHA DE S. PAULO, 13 mai. 2016). (grifo nosso).

A Folha denota, porém, que as tentativas de Temer, um literalmente “faz de tudo” para se distinguir de Dilma, acaba se deixando transparecer. O tom direcionado aos empresários e investidores e uma constante insistência no âmbito legal reafirma que o novo governo será o encaixe perfeito que a crise brasileira precisava para ser sanada. Para o jornal, essa diferença é expressiva pelo fato de que Dilma era conhecida por não dialogar com o

⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/opiniao/2016/05/1770823-a-direcao-de-temer.shtml>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

empresariado ou com a base governista à época. “*Fato digno de nota*, assumiu sem rodeios um discurso liberal, estabelecendo vagos limites para o poder público e enaltecendo a importância *das parcerias com o setor privado para que o país volte a crescer.*” (FOLHA DE S. PAULO, 13 mai. 2016). (grifo nosso).

O posicionamento liberal em relação ao mercado, assegurado por Temer desde seu primeiro discurso de governo, animou investidores e empresários. Pelo seu tom ao enaltecer que o novo presidente “assumiu sem rodeios um discurso liberal” (Ibidem), o jornal apoia as parcerias com o setor privado e as vincula como peça faltante para a volta do crescimento do Brasil. Ao mesmo tempo, faz uma crítica ao novo governo pela falta de clareza nas reformas propostas. “Em termos práticos, contudo, não indicou como pretende levar tais planos adiante, assim como *não destacou medidas objetivas relacionadas com as poucas reformas que enumerou, caso da trabalhista e da previdenciária.*” (FOLHA DE S. PAULO, 13 mai. 2016) (grifo nosso).

Após as críticas, porém, o editorial volta a adotar um tom ameno de forma que as escolhas de Temer foram, até certa medida, inevitáveis, mais uma vez diminuindo os erros iniciais do peemedebista no comando do país. A *Folha* também cita o fato de nenhuma mulher ter sido escolhida para o ministério como um “erro primário” (ver abaixo). Deve-se notar, também, que mais uma vez a narrativa diminui Dilma, da qual o jornal afirma se utilizar uma imagem de “vítima do machismo”.

Erro ainda mais primário, Temer cometeu ao não nomear nenhuma mulher para seu ministério. *Nem tanto por ajudar Dilma* em sua narrativa de *vítima do machismo*, mas *pelo retrocesso de décadas que a atitude representa* — basta lembrar que o último gabinete composto somente por homens remonta à década de 1970, na ditadura militar. (FOLHA DE S. PAULO, 13 de mai. 2016) (grifo nosso).

Deve-se notar, também, que mais uma vez a narrativa diminui Dilma, da qual o jornal afirma se utilizar uma imagem de “vítima do machismo”.

2.5 ANÁLISE DO EDITORIAL DO THE NEW YORK TIMES

Nota-se uma diferença no enquadramento do editorial do jornal norte-americano que começa o editorial “*Making Brazil’s Political Crisis Worse*”⁵ utilizando o discurso direto da

⁵ “Fazendo a crise pior” em tradução livre. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/05/13/opinion/making-brazilpolitical-crisis-worse.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur&_r=0>. Acesso em: 9 jul. 2016.

defesa de Dilma, ao contrário de ter como objeto inicial o presidente Temer. Há uma mudança perceptível no “molde” da narrativa que altera a percepção dos fatos. (KITZINGER, 2000, apud ANTUNES, 2009, p.93). Logo no início, é utilizado o advérbio “*overwhelmingly*”⁶ para dar ênfase à tentativa dos senadores de impedir Dilma. Essa descrição sobre a oposição não é posta pela *Folha*.

Hours after senators voted overwhelmingly to put her on trial for alleged financial trickery, President Dilma Rousseff of Brazil denounced the effort to impeach her as a coup. ‘I may have committed errors, but I never committed crimes’, Ms. Rousseff said”⁷ (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016).

Para o jornal norte-americano, Dilma tem suas razões em questionar o julgamento pelo fato de que os políticos que a julgaram na época eram, ou ainda são, de moral duvidosa já que muitos também eram investigados à época.

That is debatable, but Ms. Rousseff is right to question the motives and moral authority of the politicians who are seeking to oust her. The Brazilian president, who was re-elected in 2014 for a four-year term, has been a lousy politician and an *underwhelming* leader. But there is *no evidence* that she abused her power for personal gain, while *many of the politicians orchestrating her ouster* have been implicated in a huge kickback scheme and other scandals. ⁸ (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016)
(grifo nosso).

O NYT ainda se refere à Dilma como uma líder “*underwhelming*”⁹, com a ideia de que a ex-presidente não causava admiração entre os brasileiros. De fato, à época em que o impeachment era julgado no Senado, uma pesquisa do *Instituto DataFolha* ¹⁰ constatou que a reprovação do governo da petista era de 64%. Ao mesmo tempo, o jornal reforça a tese de que não havia evidências de abuso de poder por parte de Dilma enquanto diversos daqueles que a julgam estão envolvidos em “escândalos” de corrupção.

O jornal norte-americano cita o fato de que Temer havia assumido o poder mas corria grandes riscos de cair por ser investigado sobre os recursos utilizado para a chapa eleitoral

⁶ Em tradução livre, pautada no contexto proposto, “*overwhelmingly*” significa “de maneira exacerbada”.

⁷ Horas depois que os senadores votaram exacerbadamente para levar Dilma Rousseff a julgamento por irregularidades financeiras, a presidente do Brasil alegou que era vítima de um golpe. “Posso ter cometido erros, mas nunca cometi crimes”, disse Rousseff. (Tradução proposta pelo pesquisador).

⁸ É duvidoso, mas Dilma tem o direito de questionar os motivos e a autoridade moral dos políticos que a julgam. A presidente brasileira, que foi reeleita em 2014 para um mandato de 4 anos é pouco popular. Mas não há evidências de que ela tenha abusado do seu poder para ganho próprio, enquanto os políticos que a perseguem já se envolveram em escândalos. (Tradução proposta pelo pesquisador).

⁹ Em tradução livre, no contexto proposto, “*underwhelming*” significa “em queda”.

¹⁰ Disponível em: <<http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/02/1744564-64-reprovam-governo-dilma.shtml>>. Acesso em: 9 de jul. 2017.

Dilma-Temer, em 2014. A *Folha* também não menciona isso em nenhum momento de posicionamento editorial. “Vice President Michel Temer, who took charge of the country on Thursday, could be ineligible to run for office for eight years because *election authorities recently disciplined him for violating campaign finance limits*”¹¹ (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016) (grifo nosso).

Além disso, o *New York Times* explica que o possível impeachment de Dilma pode estar ligado com o fato de que a ex-presidente autorizou as investigações da Operação Lava Jato, que envolvem a Petrobras. Instaurando-se, dessa forma, uma perseguição àquela que quer os corruptos presos. Ou seja, há uma inversão de imagem de Dilma enaltecida pela *Folha*. Há, também, o cuidado de enfatizar que o processo de investigação manchou a imagem de mais de 40 políticos, incluindo líderes do próprio PT. Esses fatos também não foram colocados no editorial da *Folha*.

Many suspect, however, that the effort to remove Ms. Rousseff *has more to do with her decision to allow prosecutors to press ahead with a corruption investigation at Petrobras*, the state oil company. The scandal has tainted more than 40 politicians, including senior leaders in Ms. Rousseff’s Workers’ Party.¹² (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016) (grifo nosso).

No fechamento do editorial, o jornal nova-iorquino reforça posicionamento parecido com o da *Folha* de que o Brasil deveria lutar para ter eleições diretas caso Dilma saísse do poder. Essa convergência, porém, volta a se diferenciar quando o jornal enfatiza que as recentes investigações vêm desvendando uma elite política “podre” (leia abaixo) capaz de fazer tudo para estar no poder.

The recent corruption investigations, which have exposed a *rotten governing elite*, have outraged Brazilians. If Ms. Rousseff’s term is cut short, Brazilians should be allowed to elect a new leader promptly. A new election could be held soon if an electoral court, which has been investigating allegations that money from the Petrobras scandal seeped into Ms. Rousseff’s 2014 campaign, invalidates her last victory. Alternatively, Congress could pass a law calling for an early election.¹³ (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016).

¹¹ O vice-presidente Michel Temer, que tomou posse do país na quinta-feira, poderia estar inelegível para concorrer ao cargo por oito anos porque autoridades recentemente o denunciaram por violações de dinheiro na campanha.

¹² Dilma é acusada de usar dinheiro de bancos nacionais para acobertar o orçamento público, uma tática que outros líderes brasileiros já utilizaram no passado, o que não havia chamado muita atenção. Muitos suspeitam, no entanto, que o esforço para remoção de Dilma do poder tem mais a ver com sua decisão de permitir promotores a continuar investigando o escândalo na Petrobras. A investigação já manchou a imagem de 40 políticos, incluindo líderes do Partido dos Trabalhadores, de Dilma Rousseff. (tradução proposta pelo pesquisador).

¹³ As recentes investigações de corrupção, que expuseram uma podre elite governante, tem indignado o Brasil. Se o mandato de Dilma for interrompido, o Brasil deveria poder escolher um novo líder logo em seguida. Uma nova eleição poderia ocorrer se a Corte Eleitoral, que vem investigando se o dinheiro desviado da Petrobras foi injetado na campanha eleitoral de Dilma em 2014 invalida sua última vitória. Alternativamente, o Congresso poderia passar uma nova lei para uma nova eleição. (tradução proposta pelo pesquisador).

Reconhecendo que isso não é o que a constituição brasileira prevê, o NYT ainda enfatiza que o Congresso poderia votar uma nova lei que adiantasse as novas eleições presidenciais. As diferenças de posicionamento se acentuam ainda mais quando o jornal expõe os lados positivos do PT no poder. “Workers’ Party still has *considerable support*, particularly among the millions it pulled out of poverty over the last two decades”¹⁴ (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016) (grifo nosso).

O editorial relembra, porém, que o suporte de Dilma caiu bruscamente nos últimos meses antes de seu mandato, mas afirma que a presidente está prestes a pagar o preço por erros administrativos enquanto grande parte de seus detratores são acusados de crimes piores. E deixa uma forte mensagem que seria o reflexo dos próximos dias políticos do país de que a perseguição contra Dilma à época se voltaria para aqueles que a julgaram um dia.

*Ms. Rousseff is poised to pay a disproportionately high price for administrative wrongdoing while several of her most ardent detractors stand accused of more egregious crimes. They may find that much of the ire that has been focused on her will soon be redirected at them*¹⁵ (THE NEW YORK TIMES, 12 mai. 2016) (grifo nosso).

As diferenças expostas no tom do editorial ficam evidentes no desenrolar das matérias analisadas.

2.6 ANÁLISE DA REPORTAGEM DA FOLHA DE S. PAULO

No primeiro trecho da reportagem “Em primeiro discurso, o presidente acenou com medidas para economia¹⁶”, nota-se que a figura central da *Folha* é a de um Michel Temer poderoso. Apesar de o jornal intitular de “conflitantes”, no mesmo texto, os discursos que o presidente realizou após tomar posse no dia anterior, o foco do lead jornalístico foram as promessas de recuperação da economia de forma rápida.

¹⁴ O Partido dos Trabalhadores ainda tem um suporte considerável, particularmente entre os milhões que conseguiu tirar da pobreza nas últimas duas décadas. (tradução proposta pelo pesquisador).

¹⁵ Dilma está prestes a pagar desproporcionalmente um preço alto por irregularidades administrativas enquanto diversos dos seus maiores acusadores são acusados de crimes mais graves. Eles podem se deparar que o foco que está nela hoje pode ser direcionado a eles em um futuro próximo. (tradução proposta pelo pesquisador).

¹⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1809068-em-primeiros-discursos-presidente-acenou-com-medidas-para-economia.shtml>. Acesso em: 9 de jul. 2017.

Em suas primeiras manifestações após tomar posse para o mandato de dois anos e quatro meses como presidente da República efetivo, Michel Temer (PMDB) *fez duras críticas a adversários e até a aliados* e prometeu anunciar medidas de *recuperação da economia já neste mês*.

[...] prometeu *não "levar ofensa para casa"* em relação aos ataques da oposição –e instou aliados descontentes a deixar o seu governo. (FOLHA DE S. PAULO, 1 set. de 2016) (grifo nosso).

Temer continua como personagem central do parágrafo seguinte. Dilma, que acabou de ser impedida, aparece no terceiro parágrafo. “Temer reuniu seu ministério e concentrou parte de sua fala na necessidade de que sua equipe *rebata as acusações da ex-presidente Dilma Rousseff e de seus aliados, em especial a de que ele e seu governo são golpistas*”. (FOLHA DE S. PAULO, 1 de setembro de 2016) (grifo nosso).

Nota-se a sobreposição dos eventos como uma evidência de estratégia enunciativa (KITZINGER, 2000) que acaba por deixar alguns fatos mais relevantes que os outros, tornando mais “espessas” certas características do relato. “Noutro sentido, o enquadramento pode resumir o essencial para compreensão de uma dada proposição; e, por fim, ele é um conglomerado, uma concentração de elementos que conformam uma notícia” (ANTUNES, 2009, p.94).

Mais uma vez, o jornal utiliza o enaltecimento da figura de Temer como um herói que não irá tolerar a corrupção e, ao mesmo tempo, diminui a figura da ex-presidente. “Em resposta direta à agora ex-presidente, Temer disse que *golpista é quem derruba a Constituição Federal*.” (FOLHA DE S. PAULO, 1 set. 2016) (grifo nosso). Para corroborar ainda mais com essa imagem, o jornal paulista atropela as análises atuais para focar no futuro das reformas econômicas.

Logo depois da reunião, Temer embarcou para a China, onde vai participar do encontro do G-20 (grupo das maiores economias do mundo). Na sua volta, ele vai anunciar o seu programa de concessões e privatizações, *na busca de atrair investimentos externos e fazer o país voltar a crescer*. (FOLHA DE S. PAULO, 1 set. 2016).

Sob o subtítulo “União”, a Folha recorta as falas do presidente, realizada em pronunciamento à nação na noite anterior, na segunda parte da reportagem. É evidente a tentativa do jornal em ressaltar que a incerteza que divide o país acabou graças à queda de Dilma e à atual ascensão de Temer. “[...] Temer disse que “a incerteza chegou ao fim” e que

"é hora de unir o país e colocar os interesses nacionais acima dos interesses de grupos. [...] Juntos faremos um Brasil melhor" (FOLHA DE S. PAULO, 1 set. 2016).

Para encerrar a reportagem, há a inclusão do discurso direto de Temer de que o "pior já passou" e o trecho em que o intuito do novo mandatário é apenas colocar o país nos eixos. "Ao final, num recado de que não pretende se candidatar à reeleição, disse que seu único interesse é entregar ao sucessor um país reconciliado, pacificado e em ritmo de crescimento". (FOLHA DE S. PAULO, 1 set. 2016). O enquadramento da reportagem deixa claro o reforço positivo na construção da imagem de Temer se utilizando de recortes que remetem à ideia de um progresso futuro.

2.7 ANÁLISE DA REPORTAGEM DO *NEW YORK TIMES*

Com um título que também foca nas promessas de reforma econômica "With Impeachment Over, Brazil's Next Challenge Is Its Flailing Economy"¹⁷, o correspondente do *NYT* no Brasil, Simon Romero, adota um posicionamento aparentemente menos positivo e otimista que o do jornal brasileiro, imediatamente desconstruindo a imagem de Temer. "Brazilians booed him as he presided over the opening of the Olympics in Rio. He has been accused of taking bribes. The economy he is supposed to rescue is on the cusp of a depression"¹⁸ (ROMERO, 1 set. 2016).

Temer é colocado como personagem principal do texto, assim como na *Folha*, mas não como um herói e sim como alguém que terá a tarefa de alavancar a economia do país. O recomeço difícil com ele na presidência, como sugere o jornal, é explicado por um discurso direto do deputado Roberto Requião, do mesmo partido de Temer (PMDB). É expressivo o cuidado do correspondente em buscar diversas vozes para a matéria, começando pela do deputado.

"Get yourselves into the trenches," urged Roberto Requião, a senator from Mr. Temer's party who rebelled by siding with Ms. Rousseff in the impeachment vote. "Conflict will be inevitable," he added, warning that Ms. Rousseff's ouster had cleared the way for an era of intense division in Brazilian society.¹⁹ (ROMERO, 1 set. 2016) (grifo nosso).

¹⁷ "Com o fim do processo de impeachment, o próximo desafio do Brasil é a sua economia em queda" (tradução livre). Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/09/02/world/americas/brazil-economy-michel-temer.html>> Acesso em: 9 de jul. 2017.

¹⁸ Os brasileiros o vaiaram quando ele presidia o país durante as Olimpíadas no Rio. Ele vem sendo acusado de aceitar propinas. A economia está prestes a despencar. (tradução proposta pelo pesquisador).

¹⁹ Preparem-se para os desafios, alertou Roberto Requião, um senador do partido de Temer que rebelou-se ao ficar do lado de Dilma no voto do impeachment. "Conflito será inevitável", ele complementou, alertando que a saída de Dilma corroborava para uma nova era de intensas divisões na sociedade brasileira. (tradução proposta pelo pesquisador).

A fala de Requião de que o “conflito será inevitável” consegue dar uma ideia de que o clima de divisão política do país não acabou com a queda de Temer. Pelo contrário. “The biggest challenge facing Mr. Temer, who largely *operated in the shadows* as Ms. Rousseff’s vice president before breaking with her earlier this year, is evident: the economy²⁰”. (ROMERO, 1 set. 2016) (grifo nosso).

O jornal norte-americano então explica que Temer agiu às escuras na articulação de suas medidas quando ainda ocupava a vice-presidência. A partir daí, estabelece que o maior desafio de Temer será a economia, citando a queda do Produto Interno Bruto (PIB).

Após a exposição dos dados, há uma crítica ao presidente Temer, a quem o jornal explica que vem batalhando por poder, em um momento em que a economia do país só piora. Essa visão é validada com o discurso de um estudante universitário. Na *Folha*, não há fontes secundárias no texto e a opinião do jornal é enrustida ao longo da reportagem. “His attack on our democracy will sink the country even further,” said Judson Albino Coswosk, 25, a university biology student who has accused Mr. Temer of ousting Ms. Rousseff for his own political gain.²¹ (ROMERO, 1 set. 2016)

O *NYT* explica, então, que uma das medidas de propaganda do novo governo são as reformas econômicas, das quais classifica como “arriscadas”, enquanto a *Folha* as vê como o caminho de saída da crise. A partir disso, há, novamente, uma diferença expressiva nas coberturas. O jornal nova-iorquino classifica as reformas, vangloriadas pela *Folha*, como um risco econômico.

Amid the anger and economic turmoil, Mr. Temer is vowing to push ahead with a range of *politically risky economic changes*, including privatization of public companies, limits on public spending and an overhaul of a pension system that currently allows Brazilians to retire at an average age of 54.²³ (ROMERO, 1 set. 2016)

Apesar de haver uma reorientação da narrativa que vai de acordo com aquela do editorial previamente analisado, há uma tentativa do jornalista em ilustrar o momento político de divisão pelo qual o país passa com uma pluralidade de fontes e opiniões.

²⁰ O maior desafio de Temer, que operou às escuras enquanto vice-presidente de Dilma, antes de romper com ela no início do ano, é evidente: economia. (tradução proposta pelo pesquisador)

²¹ O ataque dele à nossa democracia vai afundar nosso país ainda mais, disse Judson Albino Coswork, 25, estudante e biologia que acusa Temer de tirar Dilma do poder para seus próprios ganhos políticos. (tradução proposta pelo pesquisador).

²³ Entre raiva e turbulência política, Temer deve continuar lutando para concretizar diversas reformas econômicas, incluindo a privatização do de companhias públicas, limitar os gastos públicos e revisar o sistema de aposentadoria que atualmente permite aos brasileiros se aposentarem em uma média de 54 anos. (tradução proposta pelo pesquisador).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como intuito inicial deste projeto, pretendíamos analisar as influências que os posicionamentos editoriais dos veículos poderiam ter na narrativa de suas reportagens.

Realizando a análise do conteúdo selecionado, notamos que a cobertura de ambos os jornais apresenta ideologias que se refletem no resultado final das reportagens. Limitamos esta conclusão aos produtos que foram especificamente abordados já que, a partir deles, é possível constatar um possível padrão seguido pelos jornais, o que só seria possível comprovar caso fossem objetos de análise de forma mais detalhada.

Ambos os editoriais expressam a situação política atual do país, mas é inevitável notar como a *Folha* coloca Temer como um herói, enquanto o *NYT* apresenta o então presidente interino com um tom mais cauteloso e, por vezes, oposto ao do jornal brasileiro. A diferença que Kitizinger (2000) intitula de “molde” das notícias é evidente.

Nas reportagens, esses posicionamentos se refletem. Enquanto a *Folha* se limita a uma cobertura superficial dos fatos, com citações diretas dos próprios integrantes do governo, de forma a ignorar a visão do público, o *New York Times* utiliza cinco fontes, com posicionamentos divergentes que conseguem dar uma ideia da divisão política que o país atravessa.

Além disso, o *NYT* se utiliza de fontes secundárias para relacionar dados relacionados à economia. A *Folha*, por outro lado, limita-se a mencioná-los. Era esperado que o texto de um correspondente internacional, direcionado a uma audiência internacional, tivesse uma riqueza de detalhes maior em ordem a contextualizar a situação do Brasil para quem não está no país. Mas dada a gravidade dos fatos, também era de se esperar que um dos maiores jornais do país assumisse mais seriedade na abordagem do assunto, com fontes que deem suporte à reportagem abordada em um período de suma importância histórica ao país.

Por fim, pode-se dizer que as reportagens analisadas foram influenciadas pelo posicionamento editorial dos veículos pela diferença na narração, na sobreposição e recorte dos fatos, assim como na escolha de fontes primárias e secundárias.

4. REFERÊNCIAS

ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. São Paulo: **Revista Galáxia**, n.18, p.85-99, dez. 2009. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/galaxia/article/view/2641>>. Acesso em: 16 maio. 2017.

ENTMAN, R. M. Framing: toward clarification of a fractured paradigm. **Journal of Communication**, [S.L.], v. 43, n. 4 , dez. p. 51-58, 1993. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1460-2466.1993.tb01304.x/abstract>>. Acesso em: 5 jul. 2017.

CIOCCARI, D. A queda: os últimos meses de Dilma Rousseff pelas páginas do jornal Folha de S. Paulo. **Revista Altejor**, São Paulo, v. 2, n. 14, p. 169-187. jul./dez. 2016. Disponível em: < <http://revistas.usp.br/alterjor/article/view/120526>>. Acesso em: 1. jul. 2017.

CAMPOS, M; CARDOSO, V. **Impeachment: uma análise no enquadramento noticioso da Folha de S. Paulo**. In: XXII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2017. DT 6 - Interfaces Comunicacionais. Volta Redonda, 22-24 jun. 2017. Disponível em: <<http://portalintercom.org.br/anais/sudeste2017/resumos/R580336-1.pdf>> Acesso em: 8 jul. 2017.

DATAFOLHA. **64% reprovam governo Dilma**. São Paulo, 29 fev. 2016. Disponível em: < <http://datafolha.folha.uol.com.br/opiniaopublica/2016/02/1744564-64reprovam-governo-dilma.shtml>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

FOLHA DE S. PAULO. O que a Folha pensa: conheça os principais pontos de vista defendidos pelo jornal. 19 fev. 2014. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1414326-o-que-a-folha-pensa-veja-os-principais-pontos-de-vista-defendidos-pelo-jornal.shtml>>. Acesso em: 8 de jul. 2017.

_____. A direção de Temer. 13 mai. 2016. Disponível em: < <http://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2016/05/1770823-a-direcao-de-temer.shtml>>. Acesso em: 9 jul. 2017.

_____. Em primeiros discursos, presidente acenou com medidas para economia. 01 set. 2016. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/09/1809068-em-primeiros-discursos-presidente-acenou-com-medidas-para-economia.shtml>>. Acesso em: 10 jul. 2017.

KITZINGER, J. Media Templates: patterns of association and the (re)construction of meaning over time. **Media, Culture and Society**, Londres, v. 22, n. 1, jan. p. 61-84. 2000. Disponível em: <https://www.academia.edu/1621703/Media_templates_patterns_of_association_and_the_re_construction_of_meaning_over_time?auto=download> Acesso em: 20 jul. 2017.

LEAL, P. M. V. **Jornalismo Político Brasileiro e a Análise do Enquadramento Noticioso**. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação Midiática). Universidade Estadual de São Paulo. São Paulo, Jan. 2011. Disponível em: <http://www.compolitica.org/home/wpcontent/uploads/2011/01/sc_jp-plinio.pdf> Acesso em: 5 jul. 2017.

MARTINS, T.F. **A Construção da Imagem de Dilma Rousseff (PT) na Esfera Midiática**: dissonâncias e convergências narrativas entre a presidente e a candidata à reeleição. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação) Universidade Federal de Juiz de Fora. Juiz de Fora, Fev. 2016. Disponível em: <<https://repositorio.ufjf.br/jspui/bitstream/ufjf/1274/1/thamirisfrancomartins.pdf>> Acesso em: 5 jul. 2017.

MOREIRA, F. **Os valores-notícia do jornalismo impresso**: análise das 'características substantivas' das notícias dos jornais Folha de S. Paulo, O Estado de S. Paulo, e O Globo. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Comunicação). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2006. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/7773/000556586.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

PARK, J. **Contrasts in the coverage of Korea and Japan by US television networks**: a

frame analysis. *International Journal for Communication Studies*, Londres; Thousand Oaks; Nova Deli, v. 65, n. 2, p. 144-164. 2003.

PINTO, A. Projeto Folha inicia jornalismo moderno. **Folha de S. Paulo**. Jun. 2006. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/fofha/80anos/choque_editorial.shtml>. Acesso em: 8 ju. 2017.

RODRIGUES, A. D. **Estratégias da Comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1990. 223p.

ROSSETTO, G; SILVA, M. Agenda-setting e Framing: detalhes da mesma teoria? Porto Alegre: **Revista Intexto**. Ed. 26. jul. 2016. p. 98-114. Disponível em: <<http://www.seer.ufrgs.br/intexto/article/viewFile/22933/18921>> Acesso em: 8 jul. 2017.

RIBEIRO, J. **Sempre Alerta**. São Paulo: Brasiliense, 1994. 222p.

ROMERO, S. **With Impeachment Over, Brazil's Next Challenge Is Its Flailing Economy**. 1 set. 2016. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2016/09/02/world/americas/brazil-economy-micheltemer.html>>. Acesso em: 8 jul. 2017.

SCHUDSON, M. **Descobrimo as notícias: uma história social dos jornais nos Estados Unidos**. São Paulo: Ed. Vozes, 2010. 240p.

THE NEW YORK TIMES. **Making Brazil's Political Crisis Worse**. 12 mai. 2016. Disponível em: <https://www.nytimes.com/2016/05/13/opinion/making-brazilspolitical-crisis-worse.html?smid=fb-nytimes&smtyp=cur&_r=1>. Acesso em: 10 jul. 2017.

TALESE, G. **O Reino e o Poder: a reportagem clássica que revelou a intimidade do jornal mais importante do mundo**. São Paulo: Ed. Schwarcz, 2009, 558p.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo: porque as notícias são como são**. Florianópolis: Ed. Insular, 2004. 223p.

Contatos: luistotoni@gmail.com (IC), 1144509@mackenzie.br (Orientador)